



JORNAL

Modas, Litteratura, Bellas-Artes, Theatros e Critica.

O programa e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina.



MODAS.




Ai... que saudades que tenho de uma semana alegre. Pareço uma menina de collegio ao acabarem-lhe as férias!

Não sei o que sinto de bom e de agradável quando vejo o meu proximo reunido em centenas de brincadores folgões, abandonados de todo á alegria, dançando, pulando, gritando e mesmo atordoando-me os ouvidos, sem uma dor, sem um queixume ao menos que venha confrangir o coração contente.

Sinto um enlevo inexplicavel.

Digão-me tudo quanto quiserem, digão-me até que o pão d'assucar é feito de claras d'ovos, que eu condescenderei com tamanha péta; mas que o rir, o brincar, o dançar, o cantar, é cousa má, meu Deus, está no inferno em vida o infeliz que tal pensar. Não contem que a minha condescendencia vá com semelhante exquisitesito que, talvez por não estar limpo do estomago e dos seus grandes peccados, até do prazer se affasta horrorisado. Cem legoas distante de mim.

Ha cousa que mais infastie a um bom humor do que estar em companhia de gente pesada e tristonha? Haverá maior flagello que passar uma noite em reunião de meia duzia de descontentes em vida e da fortuna, os quaes em tudo enxergão um crime, uma offensa, uma malicia, um acinte? que se quei-

xão a todo o mundo de suas enfermidades e desgostos, e fallão contra o seu proximo a toda a hora, lamentando e chorando a vida de instante a instante? Misericordia! É um martyrio.

Eu, querida leitora, assim que vejo sujeitinho de olheiras maceradas, olhos cravados no chão, sempre tristonho, pallido e pesadão, digo logo ás figurinhas do meu leque « Esta criatura soffre do figado, fujamos delle quanto pudermos » Porque com effeito Broussais diz que as affecções de figado põe o doente triste e desconfiado: ora eu já fujo da tristeza com todas as minhas forças, quanto mais da Sra. Desconfiança, velha eterna e sempre diabolica.

A desconfiança! a desconfiança é um dos maiores flagellos da humamidade: não ha uma só das nossas assignantes que neste momento deixe de sentir esta grande verdade em centenas de factos que lhes têm occorrido. Lembrai-vos somente da mortificação porque passamos quando nos entra a dominar a desconfiança de que o vestido que estreamos não está bém acabado, não está emfim ao nosso gosto: eu chego a ficar doente de raiva. É só porque desconfio que o vestido não está bem feito! Ora ponde essa furia da desconfiança dentro das entranhas de um achacado do figado, e imaginaí os estragos que fará...!

O facto decidido, querida leitora, é que sou alegre por natureza. Gosto de ver todos alegres, e só existo quando me vejo a par da alegria. Poderei supportar todos os revêses da vida sem succumbir ao seu pezo; mas a tristeza... oh! Deus me livre e guarde de supportar tristeza e gente triste ao péde mim. Está-me parecendo que morrerei de fastio, que deve ser morte bem desconolada.

Não ides agora suppor, querida leitora, que da gente triste eu fujo espavorida como se corresse de um empestado, não: sinto em mim as mais decididas disposições em favor de quem soffre; o mais rigoroso dever de lhe prestar minhas consolações tenho sempre praticado com satisfação. Mas em sociedade, e quando se trata de brincar, deparar com um rancho de tristonhos e macambuzios... é horrível!

Gosto do baile de máscaras só por isso. Reina a alegria geral em todo o salão, todos brincão mais ou menos; quem é triste não vai lá, e se vai é porque tenta espancar seus desgostos tomando parte na alegria alheia.

Ainda estes que taes podem passar; divertem-se por fim, como costumavão dizer as moças da antiga Philharmonica. *na platea*, mas não entrão em scena. Os outros, isso é mais fino; da-lhes a hypocondria para trancarem portas e janellas as Avemarias como se estivessem cercados por uma quadrilha de furibundos ladrões, ou vão jogar o voltarete, mudos como um frade de pedra, deixando a familia só e entregue ao *muito espirituozo* passatempo de fallar mal da vida alheia, porque... Coitadinha, se ella não tem outra distracção... não lhe ensinarão mais nada!

Querida leitora, vamos fazer ponto a respeito dos tristes e macambuzios, que eu mesmo já estou abrindo a boca.

Fostes aos bailes de máscaras? Divertistestes-vos muito, sim?

Pois eu não perdi um só. Oh! que saracutiadeira! direis la com vosco. Tendes razão: desde o dia 28 de Março ando por entre ondas de máscaras da todas as classes, de todos os lotes, grandes e pequenos, magros e gordos, e confesso-vos que tenho saudades dessas noites. Tudo me agradou porque era alegria. Alto la! Tudo, tudo não; o theatro estava um pouco escuro; não notastes isso? Foi um descuido que necessariamente hade ser corrigido para os outros bailes.

Mas aquelles meninos em costumes de fantasia, viste-os?

Como estava lindo o filhinho do Sr. Nicolao Nogueira da Gama; aquella mimosa Pastorinha e o pequeno *incroyable*, filhos do Sr. Costa; o general em miniatura filho do Sr. José Narcizo; aquella bojudinho velho de sete annos de idade, filho da Exm.^a Sr.^a D. Francisca. Que figurinhas, todas ellas tão interessantes! Pena foi passearem tão pouco e não terem dançado: as crianças comprehendem melhor praticamente. Para outra vez eu me incumbirei de reunir todas ellas, para dançarem no salão da frente. Quero ser a mestre-sala dos pecurruchos.

Que vos parecerão os carros triumphantes? Não observastes que no primeiro dia apenas erão dous, no segundo tres, e no terceiro seis? Os dous últi-

mos carros, que elegantes e bem vestidos mascarados que levavão! Pois vou dizer-vos o que penso a este respeito; tomaí nota a vemoz se fallão os meus dados — Para o anno que vem, este bello divertimento será em maior escalla representado, e mais tarde elle virá a ser um passeio de luxo, um passatempo em que tomarão parte muitas familias e muitos cavalheiros de bom gosto. Para esse tempo, se a Christina viver, o que ella espera com toda a confiança, offerecerá umas instrucções para que este passeio se effectue com a dignidade que elle requer e ao mesmo tempo com a galantaria que lhe é propria.

Entretanto que vos não apresento essas instrucções, vou andando meu caminho traçado pelo dever que me impuz de ser vossa liell interprete de modas; e pois vou apresentando-vos os nossos figurinos, as nossas musicas, nossos padroes de bordados, e tudo que, nas forças da empreza, ella vós puder offerecer effectivamente util e agradável. Desta vez é um padrão de bordados que vai direitinho e bem dobradinho até ás vossas delicadas mãos, para servir-vos nas horas vazias em que vos retirais ao vosso quarto, tomais o vesso delicado bastidor, e encontras na agulha ou no *crochet* bem suaves momentos de distracção. Eu vou dar-vos uma pequena explicação dos bordados da estampa, que nos remetteu o *Moniteur de la Mode* — pelo ultimo Paquete inglez, sempre é bom declarar-vos.



EXPLIÇÃO DO PADRÃO DE BORDADOS.

A presente estampa vos offerece um lindo risco de bordado a ponto inglez para barra de saia.

Dous entremeios para guarnecer por cima o mesmo bordado.

Um collarinho redondo para bordado a ponto de agulha.

Tres lindissimos cantos para lenços, e uma variedade de iniciaes, firmas, e emblemas para bordar-se no centro.

Antigamente pouco ou nenhum era o uso que tinhamos dos diferentes pontos do bordado. O ponto geralmente conhecido era o ponto real e um outro chamado de marca, com o qual marcavão-se os lenços com umas letras, e uns cupidos, e umas flores... muito bonitas; erão mesmo flores, corações e cupidos de marca. Todavia lindos e trabalhosos bordados fazião-se então a ponto real, e ainda hoje fazem-se. Províncias hão do Brazil em que neste genero trabalha-se com todo o esmero e muito barato. Depende porém de muito tempo este trabalho; gastão-se mezes e annos a concluir um bordado de maior delicadeza, e muitas vezes a fazenda sahe velha do bastidor. Isto desanima o gosto. Com os ricos e delicados bordados que nos vierão chegando da Europa por preços rasoaveis, com o ensino de novos pontos de bordar e marcar que os collegios (ao menos isso têm feito) forão ensinando; o gosto já enfraquecido se foi renovando esperando na brevidade do trabalho, e hoje está o bordado introduzido no numero das agradaveis distracções das moças de boa educação.

Quantas almofadinhas delicadamente bordadas, quantos indispensáveis, bolcinhas, cintos, carteiras, e uma multidão de cousas bonitas não tenho eu visto, feitura preciosa das mãos das minhas patricias. Ultimamente vi umas almofadas de encosto, bordadas a ponto de *crochet*, o mais delicado trabalho que se pode fazer neste genero. Não vos refiro o nome desta elegante senhora, para não offender com a preferença a muitas outras que estão no mesmo caso, de algumas das quaes tambem tenho visto bordados superiores, entre elles magnificos vestidos de grandes almofaduras a ponto de marca, modestas, toucas, e outros objectos de puro capricho.

É bem difficil encontrar hoje uma menina que não saiba bordar e que em uma ou outra hora do dia não se applique a este trabalho com prazer. Felismente sempre lucramos alguma cousa da especulação — que os collegios nos ensinão a bordar cousas bonitas para a *exposição do fim do anno*. É com um ponto tão facil! fazem-se tão depressa objectos tão lindos!

Prometto-vos não obstante, querida leitora, que a respeito de bordados, não vos digo por hoje nem mais palavra. Aproveito o pouco espaço que me resta para de antemão participar-vos, que pelo presente Paquete inglez nos devem chegar brilhantes figurinos de baile publicados em o mez de Fevereiro, mez ainda das grandiozas funções de Pariz; contaí por tanto com um dos mais lindos para Domingo que vem.

8 de Abril.

Christina.

CORRESPONDENCIA DO DIABIO.

Da correspondencia do *Diario do Rio*, remettida de Lisboa com data de 16 de Fevereiro, extrahimos a seguinte parte, que nos foi de muito interesse por ser dedicada á memoria da Serenissima Princesa a Sra. D. Maria Amelia, de saudosa lembrança. A's nossas assignantes que ainda não tiverem lido aquella correspondencia, levamos este extracto, para que com nosco mais uma vez lamentemos a perda desta estimavel e intelligente Princesa.

« Pelo paquete sahido ante hontem para o Rio, dei noticia do triste acontecimento que encheu de luto os portuguezes — a morte da princesa D. Maria Amelia; hoje acrescentaremos algumas noticias sobre o mesmo assumpto, servindo-nos em parte das palavras do nobre ancião marquez de Rezende.

Havendo o imperador D. Pedro I abdicado o throno do Brasil e sahindo para a Europa em companhia de sua esposa, começou a-princesa D. Maria Amelia, ainda antes de nascida, a soffrer os incommodos da navegação e de uma vida tumultuosa e perigrina.

Viu a luz do mundo em Pariz, no 1.º de Dezembro de 1831; e dous mezes depois, seu brioso pai a deixou, para vir a testa de um punhado de portuguezes restabelecer o throno de uma outra fi-

lha, e segurar nos mesmos a carta constitucional, que espontaneamente nos outorgára.

Apenas saida da infancia, a princesa passou successivamente á Inglaterra, á Alemanha, e á Suecia; veio a Portugal pela primeira vez para ver expirar seu pai; e depois de alguns annos neste paiz tornou a viajar na Europa, adquirindo assim conhecimentos superiores aos que costumão adornar o seu sexo, e principalmente na sua tenra idade. A educação religiosa da princesa, confiada a um digno sacerdote, foi completa e não desmentida até ao ultimo momento da sua vida; depois as sciencias, a litteratura e as bellas artes acabarão de lhe adornar o espirito, por tal forma que em poucos annos, tornou se a jovem princesa, na opinião de todos os que a conhecião, um modelo de perfeições, tanto nos dotes do ingenho, como nas virtudes do coração.

Ao contrario do que succede de ordinario nos annos tenros e na impetuosidade juvenil, a princesa mostrava tanto ardor e curiosidade de saber, e tomava tanto gosto pelas sciencias physico-mathematicas, que achando pouco o curso de physica que lhe explicáram, e seguira por mais de um anno debaixo da direcção do Dr. Siber (um dos melhores professores da Alemanha) pediu anciosamente á Imperatriz a permissão de repetir as lições da mesma sciencia, não diminuindo no fervor e interesse da applicação. Findo o segundo curso, em companhia de sua augusta mai visitou o gabinete de physica da universidade de Munich, e ahí a sua rara habilidade mereceu a admiração de todos os professores presentes: sendo talvez este o primeiro exemplo de um acto scientifico feito por uma princesa em alguma universidade!

A outros muitos estudos se dedicou D. Maria Amelia, e em todos patenteou o maior talento. Fallava e escrevia com grande perfeição em quatro linguas. Conhecia profundamente a historia geral e a historia philosophica, e dotada de memoria felicissima, prendia natural da Sua Augusta familia, era tão firme e prompta nas datas, que por varias vezes acudia ao menor lapso em pontos de chronologia, durante a conversação. Não foi menos versada na geographia. A vocação especial e hereditaria para a musica, e o talento da pintura, nestas artes de agrado fazião-na realçar sem esforço; já depois de chegar tão enferma á Madeira, acabou alguns desenhos de imaginação, que honrarião um artista consummado.

O seu mestre de historia e litteratura portugueza, o conego Francisco Freire de Carvalho, por mais de uma vez pasmou vendo como a princesa apreciava as bellezas litterarias dos autores classicos, tanto em prosa como em verso.

No outono de 1831 começou a princesa D. Maria Amelia a soffrer febres intermitentes, das quaes chegou á restabelecer-se; mas repetindo-se a enfermidade algum tempo depois, tomou o caracter de tísica pulmonar; então entendeu se que o unico recurso estava no clima reparador da Madeira, e para ahí partiu a Augusta doente, ainda no anno de 1832.

Á 27 de janeiro deste anno, manifestarão-se symptomas aterradores, e nesse dia disse a princesa á

sua mãe; — Parece-me que está chegado o principio do meu fim!... A 4 de fevereiro acabou enfim de soffrer, tendo recebido os Sacramentos com extrema devoção; erão 4 horas da manhã.

A imperatriz, oppressa da mais pungente dôr, ficou immovel junto aos restos mortaes desta unica filha; e d'aqui alguns mezes voltará a Lisboa, em companhia desse cadaver ainda querido. »



NOVELETA.

A Mã Filha

NOVELETA CONTEMPORANEA.

I.

É meio dia. — Um brilhante raio de sol do mez de junho, descambando atravez das duplas cortinas de mosselina e damasco de duas grandes janellas, faz brilhar com sorrisos uma camara cujos moveis, que parecem ser de uma actriz, contrastão com a scena que vamos assistir.

Uma mulher de cerca de 40 annos, ainda bella, appezar das numerosas rugas que o soffrer bafeja, está agonisante. Seu rosto emmagrecido existe calmo, e seus grandes olhos negros, semi-abertos, deixão escapar uma doce luz. Sua boca cujos labios já se vêem embranquecidos, quasi que vai sorrir-se; seu braço direito, pendurado fóra do leito, deixa ver uma mão alva, magra, bem feita e com traços de distincção. Facil é ver que a doente soffre, mas que folga, por assim dizer, com o soffrer. Ha em sua physionomia, em sua maneira de estar, e finalmente em toda a sua pessoa tanta quietação de esperanza e de dôr resignada, que se reconhece nesta morte, que para ella se encaminha, a recompensa de uma vida santa, ou santificada pelo arrependimento, porque ella sente-se penetrada como de um pressentimento do Céu.

Uma mulher, que poderá contar vinte annos e uma moça quasi da mesma idade, completão o quadro que se desenrola á nossa vista.

A primeira, loura, de olhos negros, de cabellos acizentados, de physionomia doce, e um pouco distrahida, está prostrada ante o leito, com a fronte apoiada sobre o braço da moribunda, cuja mão cobre de lagrimas e beijos. Seus gestos e trajos são ricos e de gosto, mas o que desperta consideravelmente a reunião elegante deste toilette é um grande par de botas de homem nas quaes suas pernas estão enterradas té aos joelhos.

Convém desde já dizer o que significavão estas botas que tão mal lhe dizião, para que não se tache de louca a admiravel mulher que as calça.

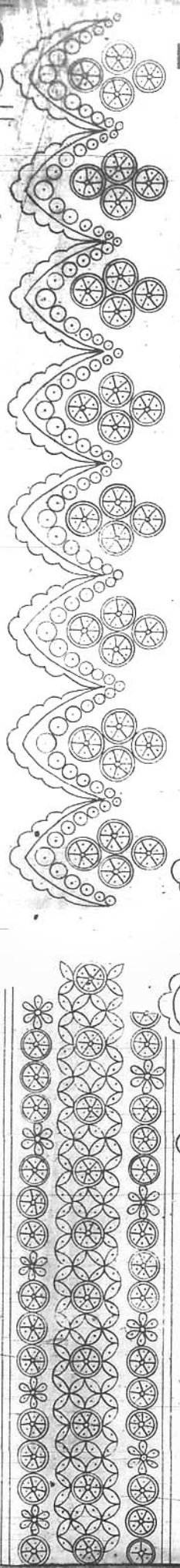
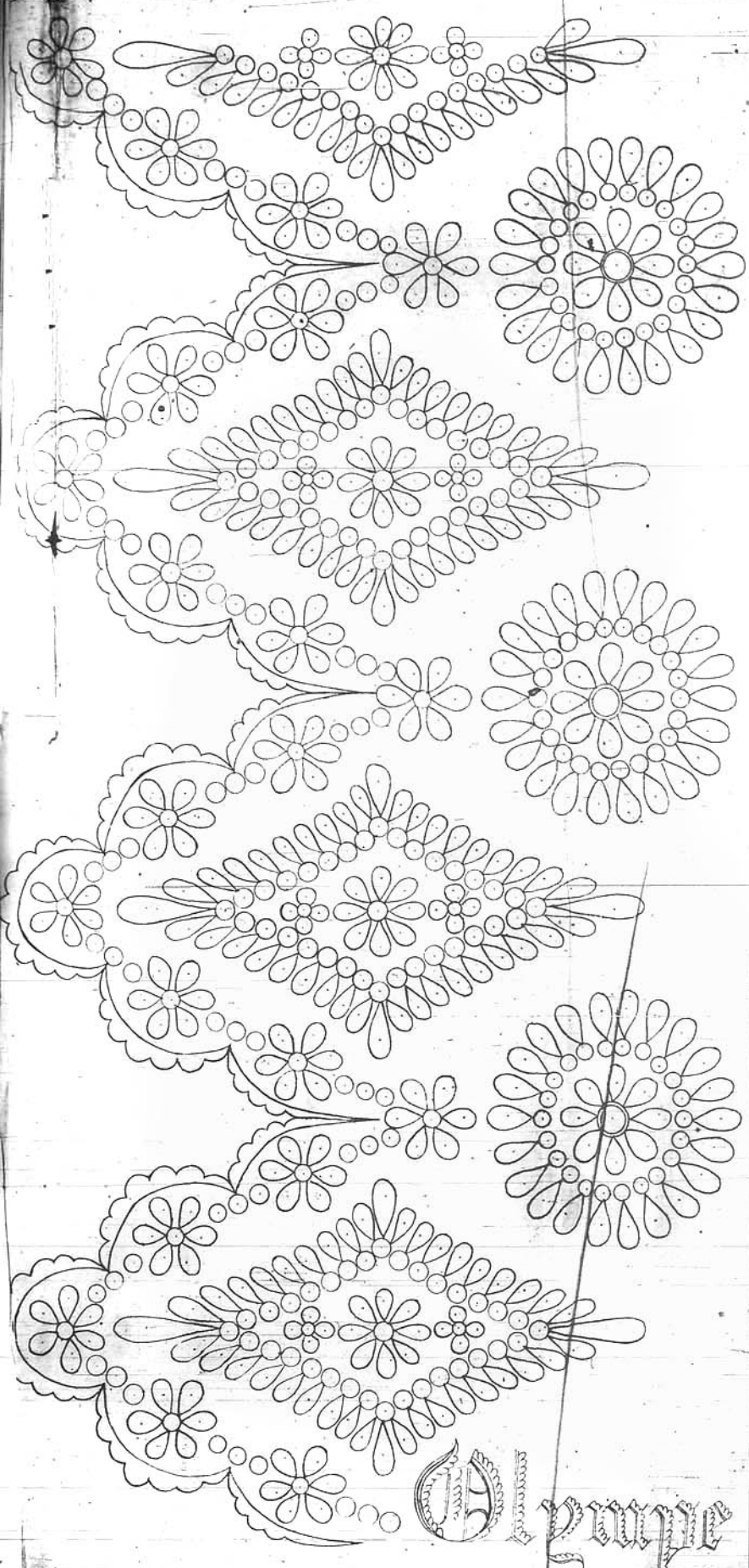
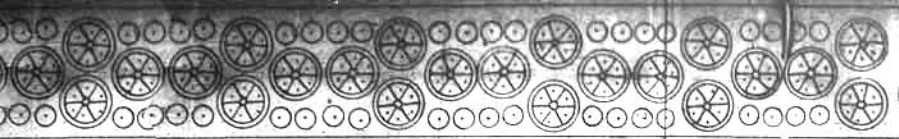
A moribunda chamava-se a Sra. Nunny. Seu marido esposando-a trouxera uma grande fortuna muito comprometida, e uma filha de anterior desposorio. A Sra. Nunny, mulher de classe alta, e adornada de todas as qualidades requeridas para

brilhar no mundo, nunca se occupára desta filha que sua mãe era: tinha pela pequena Alice uma especie de affeição como a que se tem a um bichinho domestico que é bonito e não é incommodo. Sendo mãe, a Sra. Nunny principiou a amar sua filha adoptiva com a affeição exclusiva e apaixonada que tinha para tudo: não podia perdoar Alice distrahir para ella a menor parte das caricias, das attenções, dos cuidados, poderiamos dizer das homenagens que julgava serem inteiramente devidas á uma filha; immediatamente ficou criminosa com parecer geralmente mais intelligente, mais branda e formosa que Helena, sua irmã consaguinea. Estabelecia entre ellas comparações inevitaveis que fazião abater dolorosamente o orgulho materno da Sra. Nunny. Finalmente chegou contra Alice a uma tal animadversão ciosa, que foi obrigada a retirá-la para subtrahil-a aos mãos tratamentos que tinha a soffrer de sua madrastra.

Esta Alice, comtudo, tão maltratada, era a moça que acabamos de ver de joelhos ante o leito da Sra. Nunny moribunda, da Sra. Nunny, cujas prevenções malevolas nunca foram desmentidas. Alice, então casada, não tinha ha muitos annos relações com sua madrastra, até que soube que estava em seu leito de morte. Ella mesma doente de-ejára trazer consolações áquella que por ella tanto soffrêra; seu marido, receando o choque perigoso que o espectáculo de uma agonia podia imprimir na sua organisação que então soffria, prohibira-a de sahir e até levantar-se. Alice, porém, não sabia fingir, cheia de resolução declinou, que veria sua mãe, porque era seu desejo e seu dever. Desesperando por vencer uma vontade cuja energia conhecia, o marido fecha os sapatos de sua mulher, e intimida os criados, sob pena de serem incontinenti expulsos, á ordem de nada fazer para favorecer a generosa evasão de sua ama. Então esta ergue-se, veste-se só, calça em fallá de outra cousa, um par de botas que se achava á mão, e atravessou, por um brilhante sol, a longa distancia que a separava da morada da Sra. Nunny, á casa de quem chegou abatida de febre e fadiga, mas com a consciencia tranquilla de ter cumprido um dever.

A moça que mencionamos lá está sentada á porta da camara bem longe do leito de sua mãe. É Helena: tem os olhos, as sobranceiras e os cabellos côr de ebano, sob quem a brancura de sua epiderme sobresahe com um vivissimo brilho. Seus traços, de uma admiravel pureza de linhas, são inflexiveis e duros; sua estatura audaz, e bem desenvolvida, é baldá de flexibilidade e graça: ha em toda a sua pessoa menos altivez que impertinencia, menos nobreza que vigor. Analysando-se todas as partes são bellas; a reunião dellas porém é fria e revoltosa. Esta moça tem uma figura admiravel, porém uma physionomia sem graça; não é bella porque não é boa.

Para mostrar que dá pouca attenção á presença de sua irmã a quem aborrece, toma um livro com que affecta occupar-se muito, porém sua attenção está em outra parte. Não perde de vista o leito de dôr; e quando seus olhos cahem sobre as exquisitas botas de sua irmã, um sorriso de amarga ironia contrahe sua affectada boca.



Clarice

Catherine

Mathilde



Prunpe

Clair

GR 9x

É mister dizel-o, posto que seja uma revelação horrível: é mister dizel-o porque o exemplo das cousas horribéis encerra tão eminentes emendas como o das bellas cousas: esta moça tão idolatrada por sua mãe, tinha-se tornado de um coração duro para ella em quanto doente, e agora fazendo o inventario em sua idéa dos bens cuja herança lhe era promettida, achava que a morte de sua mãe muito tardava.

Havia já algum tempo que a doente, exhausta de forças e por muito soffrer, estava sem movimentos, quando pareceu despertar, e bulbuciu com voz fraca passando a mão sobre a testa.

— Meu Deus! que bello sonho! parecia-me sentir junto de mim alguém que me amava.

A este grito de dôr de uma alma abandonada, a esta queixa tão eloquente em sua simplicidade, Alice respondeu apertando-lhe a mão affectuosamente: suas lagrimas correrão com mais abundancia, e quando sua emoção permittiu-lhe fallar, disse:

— Não vos enganastes, minha mãe, ha aqui com effeito alguém que vos ama, e que nunca vos abandonará.

A moribunda volta a cabeça para o lado d'onde partia esta voz amiga, vê Alice ajoelhada, parece duvidar d'aquillo que vê, olha com mais attenção e ainda depara com a bella figura que resa e chora. Então levanta os olhos ao Céu, junta as mãos como para agradecer a Deus; depois, descançando a vista sobre Alice, diz com um sorriso de ineffavel gratidão.

— Oh! Alice! obrigada! obrigada... anjo de meu sonho!... Se soubesseis como é bom sentir chorar sobre nossas mãos quando o tempo já tem apagado tão doce habito!... Se soubesseis como é bom morrer em paz consigo mesmo quando se estava a ponto de morrer com um remorso!... Também eu não podia morrer... esperava um perdão, era de ti que esperava, e muito soffri á tua espera! Mas eis-te comigo, minha filha; tuas lagrimas refrescárão-me a alma, perdoárão-me e abençoárão-me; agora já não soffro, já nada tenho sobre o peito, Sou feliz, já posso morrer porque tu me perdoas; não é assim?...

— Minha mãe, exclamou Alice em soluços, eu vos peço vossa benção de joelhos; e supplico-vos que vivais para me amar... para vos deixar amar por mim!...

— Minha benção... respondeu a moribunda; pedes minha benção... por ventura, benzem-se os anjos?... Não, pelo contrario, se lhes pe'em graças. Bem, escuta, acrescentou muito baixo chegando sua cabeça á de Alice, designando Helena com os olhos. Deverás ter visto esta desgraçada moça a quem com tanta impiedade te sacrifiquei? Desde que veio ao mundo só desgostos me tem causado; e sobre tudo desde que estou doente, tem-se mostrado ainda peor: acreditão que ella tem contado as visitas dos medicos e os medicamentos! E ainda apezar de tudo isso, e talvez por isso mesmo eu sempre a amo. Ella é altiva, egoista, e invejosa; ninguém, mal feche eu os olhos, a poderá amar. Este pensamento me mortifica. Promette-me substituir junto della, tu que tanto soffreste por mim e por ella... e eu morrerei tranquilla. Ella prova-

velmente não será grata, nem á tua affeição nem a teus cuidados; mas a recompensa do bem que fizeres não se dá aqui no mundo: tu és mãe boa para ser feliz sobre a terra. Tu farias bem, eu o sei, inda mesmo que Deus não te tomasse contas disso.

— Eu vos agradeço, minha mãe, por terdes confiado em mim; serei sempre a irmã de Helena.

Havia já alguns instantes que Helena se impacientava com esta distincção de sua mãe para com Alice. Revoltada enfim de ver que parecia esquecer-se de sua presença, disse com um tom aspero:

— Jesus! meu Deus! É preciso que tenhas, Alice, a fazer ou receber communicações mui interessantes, para que não tenhas em vista o temor de fatigar por tanto tempo minha mãe, tendo-lhe os medicos prohibido fallar! Queres, pois, mata-la?

Alice nada respondeu, e abaixou com mais candura as mãos da doente, que murmurou:

— Oh! se o pesar matasse, ha muito não estaria viva!... Ella certamente me não matará.

Passando então seu braço em torno do collo de Alice, acrescentou com uma tocante effusão de amor e arrependimento:

— Estou enganada, tu é que és a minha verdadeira filha, só a ti deveria ter amado... Eu pelo contrario não te reconheci, repelli-te e mal de ti tratei, oh! é horrível pensar nisso!... Porém se fiz mal, aquella que acreditei minha filha deu-me bom pago... Tu me perdoaste, meu anjo; vou rogar a Deus, eu o espero, para que tambem perdoe a tua irmã tudo que eu lhe perdoo! Porém, Alice, acho-me muito fraca... Onde está Helena?... Não a vejo... não a sinto...

A Sra. Nunny fallava com voz tão baixa que Alice podia apenas ouvir a; fazia suas mãos já tremulas passearem em torno della, procurando de balde sua filha Helena amuada a um canto.

— Dize, continuou ella, para que se aproxime, quero abraçá-la, quero abençoá-la... Amo-a sempre... Ella será tão desgraçada!...

— Helena, disse Alice assustada, aproxima-te: nossa mãe te chama, ella quer abraçar-te.

Helena lançou para sua irmã um olhar feroz, e voltou-lhe as costas.

A moribunda já não fallava, porém suas mãos a procuravão sempre.

— Vem cá, mana, eu t'o peço... repetia Alice cada vez mais atemorizada.

Helena nem se quer moveu-se.

As mãos da Sra. Nunny pararão enfim; seus grandes olhos fecharão-se; uma livida pallidez estendeu-se sobre seu rosto.

— Oh! meu Deus! exclamou Alice desesperada, já é tarde!

Helena aproximou-se do leito, inclinou-se, olhou com frieza; poz a mão sobre o coração de sua mãe, e applicou o ouvido sobre sua boca. O coração não palpitava; a boca não fazia sahir respiração alguma.

Helena, voltando-se então para sua irmã diz-lhe com tom secco:

— Agora não ha necessidade aqui da Senhora... Espero que saia já de minha casa.

Alice cahiu desfallecida. Quando recobrou os sentidos estava em sua casa, e deitada em seu leito.

II.

No dia seguinte Helena estava occupada em contar todas as peças de ouro amontoadas ante ella sobre uma mesa. Em sua phisyonomia impassivel só se poderia ler a hedionda expressão de uma inquieta cobiça. Depois de ter transtornado e revirado as gavetas de todos os moveis, a moça tocou uma campainha.

Uma mulher velha, empregada no serviço da casa ha trinta annos, entrou limpando os olhos pelas lagrimas.

— Martha, perguntou Helena, onde estão os brincos de diamantes?

— A senhora nunca deixou de tê-los consigo.

— Em quanto doente, sim, mas agora?

— Ainda os tem.

— Martha! ainda o dizes? E porque rasão já não os pozestes no cofre?

— Senhora, eu não ousaria...

— Digo-te que és uma louca, Martha. Pensas que hei de deixar perder brincos de semelhante preço?

— Porém, senhora, muitas vezes ouvi a minha pobre ama dizer, que nunca os deixaria, e que mesmo depois de sua morte não queria que ninguém lh'os tirasse.

Helena franziu o sobr'olho, e replicou com impaciencia:

— Martha, a ama que agora tens aqui sou eu só; aprecio tuas reflexões e teus escrupulos; porém necessito destes brincos já e já, entendes?

— Ide, pois, tiral-os, filha barbara, exclamou a mulher arrebatada por sua indignação, e que tenha Deus piedade de ti, se é possível.

— Martha, disse Helena, cujo rosto contrahiu-se horrivelmente, velha louca e insolente, eu te ponho fóra! Sahe já, já, e nunca mais ponhas pé aqui.

A estas palavras voltou as costas e dirigiu-se para a camara mortuaria. Martha seguiu-a suffocando em seu lenço os soluços que não lhe era dado reprimir.

No meio do quarto, elevado a alguns pés acima do pavimento, e coberto com um comprido panno preto com uma cruz branca, estava o caixão. As gelosias e as cortinas das janellas, hermeticamente fechadas, interceptavão os raios do sol que fóra resplandecia. Quatro grandes tochas que ardião nos cantos da urna, erão só quem derramavão no quartô um lugubre clarão. A morte ali está com todos os seus pezarés solemnes, mas está só: nem a amizade viera mitigar a estrizeza deste quartô; duas mulheres de feia catadura, pagas para velar sobre o morto, cochichavão, comendo e rindo com riso hidiondo, em um canto; ninguém para verter uma lagrima ou uma oração sobre estes restos abandonados.

Pondo o pé nesta sala a moça sentiu se perturbada; um tremor glacial correu-lhe nas veias. Sem provar pezar nem remorsos, estava incommodada e tocada de um sinistro presentimento. A cobiça, porém, não tem entranhas: Helena teimou contra suas proprias impressões, e disse ás duas mulheres, affectando uma tranquillidade que o tom soffreado de sua voz desmentia.

— Abri este caixão.

— Está fechado, senhora.

— Arrombai o, que depois se tornará a fechar. As duas mulh'es olharão-se espantadas: hesitavão.

— Moça, disse Martha, não façais semelhante cousa. Deus castigar-vos-hia... isto seria horrivel... não façais semelhante cousa, eu vol o peço em nome de vossa mãe que tanto amastes.

A velha Martha estava de joelhos, abraçava o caixão como para defendel-o de uma profanação, e chorava amargamente. Helena, que não a julgava tão pe-to, voltou-se. Vendo-a nesta posição, foi assaltada de violenta colera, porque a consciencia do mal que traz consigo os caracteres honestos para o bem, despertando nelles a necessidade da rehabilitação, não faz mais que irritar as naturezas perversas. Helena fitou pois sobre Martha seus dous grandes olhos negros coruscantes: de furor, e disse-lhe com esmagadora dureza:

— Ainda aqui, cobra velha! Não me ouviste ainda agora! e será preciso que te ponha pela porta fóra? Talvez que teuhas razão para porfiar... se acaso furtaste o que procuro?

Martha levantou-se com altiva soberba, lançou sobre Helena um olhar, debaixo do qual as palpebras desta se abaixarão, e com o rosto radiante de indignação, respondeu:

— Senhora, ha trinta annos que sirvo vossa familia; e em todo este tempo só tive com ella tres grandes dôres. A morte de vossa avó, de vossa mãe, e vosso máu tratamento de hoje. Vossa avó chamava-me sua filha, vossa mãe, sua amiga, nunca isso me fez ensoberbecer, e nunca esqueci que eu era uma pobre mulher que tudo lhe devia. Amei-as muito, respeitei-as quanto pude, e servia-as quanto me foi possível. Minha consciencia diz-me que preenchi meu dever para com ambas. Hoje, senhora, dizeis que sou uma ladra... eu vos perdôo de todo o meu coração, e espero que Deus vos perdoará de melhor vontade do que a profanação de que ides vos tornar culpada.

Acabando, a velha Martha poz-se de joelhos com uma admiravel serenidade; fez uma curta oração, beijou um canto do panno mortuario, levantou-se fazendo o signal da cruz; e, depois de ter banhado o caixão de agua benta, sahio, sem que a moça lhe podesse dizer uma só palavra.

Helena permaneceu por longo tempo absorta em uma sombria preocupação. Emfim pareceu fazer violento esforço, e disse ás mulheres:

— Abri este caixão.

Todo o seu corpo tremia, os dentes se chocavão, e sua pallidez era horrivel.

Ellas levantarão o panno mortuario.

Helena, acreditou ver o caixão mover-se; tremeu ainda mais; quizera olhar para outra parte; porém seus olhos estavão pregados, como por um poder invencivel e magnetico neste logar fatal.

Quando saltou o tampo do caixão, uma tremura nervosa sacudiu os membros de Helena.

Finalmente as mulheres embriagadas tendo apenas apartado a mortalha, fugirão lançando gritos de horror.

Helena, a seu pezar olhava sempre, eis o que viu.

A mãe, que tinha sido amortalhada com os braços estendidos ao longo do corpo, e com as palpebras fechadas, está agora na attitude de uma ser-

vente prece; seus braços cruzados sobre o peito, e seus olhos levantados para o Céu parecião dizer:
— Perdoai-lhe, meu Deus!

Helena cahiu sobre o soaího, victima de horribeis convulsões. No dia seguinte e sempre ás mesmas horas as convulsões se repetião.

Estava epileptica.

Passado um anno, nesta mesma camara ainda havia um caixão; junto delle duas mulheres oravão por Helena morta de remorsos. Era Alice e a velha Martha.

Helena tinha, é verdade, sido hem culpada, porém teve tempo de se arrepender, e a misericórdia de Deus é infinita.

LOUIS BOIVIN.



POESIA.

O SORRISO DA CRIANÇA.

Innocente criancinha,
Que fagueiro é teu sorrir!
Tu'alma pura, e singela
Inda não sabe fingir!
Como és feliz, meu anjinho,
Sem saber, innocentinho,
O bem do mal discernir!

Em teus labios o sorriso
É um hymno ao Criador;
Como o perfume, que exhala
No jardim mimosa flôr;
Como o suspirar da fonte,
Que se desliza do monte,
Toda cristal e frescôr.

Como o fulgir das estrellas
Em sereno Céu d'anil;
Como o vagar descuidoso
Da lua toda gentil;
Como o gemer da folhagem,
Que desprende leve aragem,
Quando vaguêa subtil.

Como o cantico das aves,
Quando desponta a manhã;
Como a magia d'aurora,
Quando se ostenta louçã;
Como o scismar da donzella,
Que ao coração interpella
A causa de seu afan.

Como o bromar do oceano,
Que a procella encapellou;
Como as orações do justo,
Que do mundo se afastou;
Como o — ai — tão suspirado,
Do coração escapado
Da virgem, que nunca amou.

Nunca o fel da desventura
S'infilte em teu coração;
Jámais tu'alma se agite
Ao vendaval da paixão;
Jámais conheças do mundo
Esse abysmo tão profundo,
Da dôr triste habitação.

Corraõ teus dias serenos,
Sem tristeza e amargor;
Como as aguas, que a procella
Não agita em seu furor;
Como a folha despregada,
Que é pela brisa embalada
Sem perder o seu verdor.

Praza aos Céos, que sempre possas
Dar ao mundo um ledo rir,
Em que tu'alma innocente
Possa alegre se expandir;
Que mostre toda a doçura,
Toda a meiguice e ternura
De lisonjeiro sentir.

Como ligeira se some
Dos tempos na duração
Esta idade tão risonha,
Tão despida d'ambição!...
Que saudades della temos,
Quando os males depois vêmos,
Que traz comsigo a razão!

O riso então muitas vezes
É amargo e mofador;
No meio de vãos deleites
É como escarneo da dôr;
Outras vezes acoberta
A chaga, que fôra aberta
Por insolito amargor!

Não mostra mais a ledice
Desse placido sentir:
Não é mais essa lingoagem
De quem não sabe fingir;
Não é mais o riso d'alma,
Innocente, pura e calma
Qu'inda não sabe mentir.

A tudo, que a vida encerra,
A tudo, que o mundo tem;
Thesouros, glorias, prazeres,
Olho triste com desdem:
Depois dum goso mentido,
Um pezar cruel, dorido
Amargar nessa alma vem.

Só desejo a minha infancia,
— E se tempo que passei,
Sem que n'alma me ficassem
As lagrimas, que chorei;
Saudades, que eu tenho della,
Dessa idade tão singela,
Da mente não riscarei!

Philadelpho Augusto.

A promessa de casamento

FACTO HISTORICO.

Camilla de Turegee, era uma das mais lindas e ricas senhoras de Messina nos principios do 14.º seculo: havia herdado grandes bens dos seus parentes, e era por isso requestada dos mais ricos cavalheiros d'aquella época. Camilla havia regeitado todas as ofertas, por não ter encontrado entre os pretendentes à sua mão um só, com quem se decidisse a ligar a sua sorte.

Neste tempo o principe Rolando, irmão mais moço do rei de Sicilia, tendo sido encarregado do commando de uma frota contra os napolitanos, foi por estes derrotado, ferido e feito presioneiro; sendo conduzido à uma torre por ordem de Roberto de Nápoles. Como o principe se havia mostrado inimigo irreconciliavel dos napolitanos, e era tido por um dos mais bravos cavalheiros do seu tempo, exigiu-se a enorme quantia de doze mil florins pela sua liberdade. O rei de Sicilia, seu irmão, recusou pagar a somma exigida; e Rolando seria talvez condemnado a passar o resto de seus dias entre os horrores de uma prisão, se a bella Camilla lhe não mandara offerecer a quantia em que se havia fixado o seu resgate, com a unica condição porém de que havia de casar com ella.

O principe aceitou o contracto de bom grado: os doze mil florins foram pagos por Camilla e as portas da torre immediatamente abertas ao principe. Mas apenas este se viu na sua liberdade, que recusou preencher as obrigações que havia contrahido.

Camilla o citou perante o tribunal supremo do estado e apresentou ahi a escriptura do contracto assignada pelo principe: o processo foi breve; em poucos dias se viu Rolando sentenciado a ser adjudicado à Camilla, não só como seu marido, mas tambem como uma propriedade, a que, conforme as leis d'aquelles tempos, ella havia adquirido direito pelo seu dinheiro.

Determinou-se o dia do casamento. Rolando, que era um cavalheiro de bella presença, apresentou-se com a maior magnificencia, seguido de uma comitiva esplendida; Camilla tambem appareceu ataviada com apparatusos vestidos nupciaes,

Rolando, logo que ella entrou na Igreja, foi ao seu encontro e pediu-lhe, que houvesse de esquecer a injuria que lhe havia feito na resistencia, protestando-lhe de mui boa vontade que estava prompto a obedecer aos mandados da justiça.

— Basta, lhe respondeu Camilla; estou satisfeita. Desejei um marido de sangue real; mas este se degradou da sua alta gerarchia no momento em que baixamente faltou à sua palavra; e desde esse instante eu jurei não ser sua. Levei-vos a um tribunal de justiça para patentear ao mundo toda a fealdade da acção com que vos tendes manchado. Adeus.

Ide offerecer a outra, a mão que haveis deshonrado. Estais quite da promessa que me haveis feito: guardai a somma que por vós paguei; della vos faço presente.

Deixando então Rolando mudo e envergonhado, passou pelo meio dos convidados, e se retirou à um convento, ao qual doou todos os bens que possuia, e onde passou o resto da sua vida.

Rolando d'ahi em diante, olhado como um homem que havia manchado a nobre profissão da cavallaria, por uma baixa violação da sua palavra, passou o resto da sua existencia mal visto e despresado de todos, e morreu obscuramente n'um retiro.

Ext.

Viscondessa da...

EFFECTO DO CASAMENTO.

SOBRE A DURAÇÃO DA VIDA.

Alguns factos curiosos a este respeito foram publicados pelo doutor Casper em um escripto que ha pouco se publicou em Berlim. Havia muito que se dizia vagamente que os celibatarios de ordinario vivião menos que os casados, Hufeland e Despacieux erão desta opinião, e Voltaire tinha observado que havia maior numero de suicidios entre os solteiros do que entre os casados. Porém Odier foi o primeiro que fez observações profundas sobre a questão, e em resultado achou, que para as senhoras casadas o termo medio de vida era pouco mais ou menos de 36 annos e sómente de 30 annos e meio para as solteiras. Aos 30 annos ha uma differença de 4 annos a favor das Senhoras casadas; aos 35 de dous annos.

Quanto aos homens, vemos pelas tabellas de Despacieux e de Amsterdam que a mortalidade, entre os de 30 aos 45 annos, é de 37 por cento nos solteiros e de 18 por cento nos casados. Que quando ha 41 solteiros que chegam aos 40 annos, 78 homens casados chegam tambem á essa idade. A differença ainda é mais notavel em uma idade mais avançada: aos 60 annos só se contão vivos 22 solteiros por 48 homens casados: aos 70 annos, 11 solteiros por 27 casados: e aos 80, 3 solteiros por 12 casados.

As mesmas proporções existem a respeito das Senhoras; de modo que 72 senhoras casadas e 52 solteiras chegam á idade de 45 annos. Mr. Casper olha pois como factos incontestavelmente estabelecidos, que nos doussexos, o casamento é favoravel ao augmento da vida.

Ext.

Viscondessa da...

A este n. 15 acompanha um padrão de bordadas.